



E  
A MINHA  
FESTA DE  
HOMENAGEM  
?  
ENSAIOS PARA  
ALEXANDRE O'NEILL

# E A MINHA FESTA DE HOMENAGEM?

ENSAIOS PARA  
ALEXANDRE O'NEILL

ORGANIZAÇÃO

Joana Meirim

TEXTOS

Alexandra Lopes

Burghard Baltrusch

Carlos Nogueira

Clara Rocha

Fernando Cabral Martins

Fernando J.B. Martinho

Graça Videira Lopes

Gustavo Rubim

Joana Meirim

Miguel Tamen

Miguel-Pedro Quadrio

Nuno Amado

Ramiro S. Osório

Sara Lacerda Campino

Sebastião Belfort Cerqueira

L I S B O A  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V I I I

ESTE LIVRO  
TEVE O APOIO DE:



Nesta edição, respeitou-se  
a opção ortográfica de cada autor.

© 2018, Autores e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *E a Minha Festa de Homenagem? Ensaios para Alexandre O'Neill*

Organização: Joana Meirim

Autores: Alexandra Lopes, Burghard Baltrusch, Carlos Nogueira, Clara Rocha, Fernando Cabral Martins, Fernando J.B. Martinho, Graça Videira Lopes, Gustavo Rubim, Joana Meirim, Miguel Tamen, Miguel-Pedro Quadrio, Nuno Amado, Ramiro S. Osório, Sara Lacerda Campino, Sebastião Belfort Cerqueira

Revisão: Tinta-da-china

Composição: Tinta-da-china

Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Janeiro de 2018

ISBN: 978-989-671-397-3

DEPÓSITO LEGAL n.º 435471/17

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	9
Alexandre O'Neill e Pessoa .....	23
<i>Fernando J.B. Martinho</i>	
Do medo em Drummond, Alexandre O'Neill e Manuel Alegre .....	37
<i>Clara Rocha</i>	
À luz da ampola miraculosa .....	49
<i>Fernando Cabral Martins</i>	
Alexandre O'Neill, poeta satírico? .....	59
<i>Carlos Nogueira</i>	
O glorioso passado futurível de A.O. ....	75
<i>Graça Videira Lopes</i>	
«Congresso de gaivotas neste céu»: A crítica, O'Neill, 1978, Jesus Cristo em Lisboa .....	87
<i>Miguel-Pedro Quadrio</i>	
Animais modestos .....	103
<i>Joana Meirim</i>	
«Amanhã aconteceu»: Reflexões sobre arte e política em Alexandre O'Neill .....	121
<i>Burghard Baltrusch</i>	
«Gosto deles assim, tão sem futuro»: Apontamentos dispersos (e provisórios) sobre O'Neill tradutor .....	143
<i>Alexandra Lopes</i>	
A publicidade .....	157
<i>Miguel Tamen</i>	

A violência dos signos _____	169
<i>Gustavo Rubim</i>	
Enquanto os grilos periclitam, o poeta que se desenrasque _____	185
<i>Nuno Amado</i>	
Amigos pensados: Jojo _____	203
<i>Sebastião Belfort Cerqueira</i>	
Coisificar: aproximações ao concretismo na poesia de Alexandre O'Neill _____	215
<i>Sara Lacerda Campino</i>	
Um adeus derradeiro de Alexandre O'Neill _____	235
<i>Ramiro S. Osório</i>	
AGRADECIMENTOS _____	253
NOTAS BIOGRÁFICAS _____	255

## INTRODUÇÃO

### I. Posteridade, és minha!

*Se a sorte não te for de todo adversa,  
um lusófilo, algures,  
citará entre barras versos da tua lavra  
numa elegante nota de rodapé.*

ALEXANDRE O'NEILL,  
«A um poeta que deixou de comparecer nas antologias»

O título da primeira parte desta introdução pertence ao final de uma poesia de Bocage dirigida aos «zoilos», espécie de crítico invejoso, e em resposta a uma ode de Filinto Elísio, na qual este poeta «alça» o nome de Bocage «na voz da lira eterna» (Bocage, 1969: 99). Bocage ironiza a pretensa garantia da posteridade por um dos seus pares, que hoje em dia, e ao contrário do que acontece com Bocage, mal é lembrado e raras vezes é citado em nota de rodapé. A atitude desconfiada de O'Neill, sobejamente revelada em vários momentos da sua obra, face à fama póstuma, garantida por outros membros do meio literário, críticos (zoilos ou não), exegetas ou poetas, vai ao encontro do tom jocoso que atravessa todo este poema de Bocage.

A apóstrofe à sua própria posteridade só aparece em O'Neill a título irónico. Apesar do seu gosto de colecionar «Epitáfios», rótulos que os vivos (escritores ou não) «gostam de imaginar que vão ter na tampa depois de mortos» (O'Neill, 2008: 153), O'Neill tende a deflacionar as frases lapidares que os vivos projetam para a posteridade, para continuarem a falar depois de mortos. O seu epitáfio, criado aos 30 anos e revelado numa das últimas entrevistas, é bem revelador da sua tendência para *desimportantizar* a solenidade de muitas destas sentenças:

Não gostava nada que me caíssem em cima, nem que dissessem nada sobre mim. Epitáfio... eu até tinha um:

Aqui jaz Alexandre O'Neill  
Um homem que dormiu  
muito pouco  
Bem merecia isto.  
(O'Neill, 1985: 34)

Alexandre O'Neill não acredita na imortalidade literária, considerando que mortalidade humana e poética são uma e a mesma coisa. Desmistifica, aliás, a ideia de que a glória poética seja a meta de todos os poetas, e sempre se preocupou mais com a possibilidade de ser apreciado em vida do que com a celebridade póstuma. A glória poética pode, afinal, ter até mais de grotesco que de sublime, como nos diz em «O lanterna vermelha», de *Poemas com Endereço* (1962): «Que interessa a gloriola (simiesco nome!)? / Que interessa aparecer em Estocolmo a bordo de um poema / que não chega sequer a Trás-os-Montes?» (O'Neill, 2005: 206). Apesar de consciente de que morrer não faz parte do programa de ninguém, como comenta no poema «Autocrítica», de *Feira Cabisbaixa* (1965), O'Neill não acredita na eficácia de estratégias que assegurem a permanência das pessoas. Em «Pedra-final», de *Ombro na Ombreira* (1969), diz-nos que não vale a pena ao homem desafiar as leis da eternidade, porque esta não está garantida a ninguém. A verdade é que não ficamos «quedos» para sempre, nem mesmo depois de mortos, pois até debaixo da terra vermes e bichos afins nos vedam a imortalidade:

Tanta gente,  
tantos enredos  
até ficarmos para sempre  
quedos!

Para sempre? Não!  
Que outros (mínimos) seres  
já trabalham na nossa remoção.  
(O'Neill, 2005: 291)

Longe de ser um poeta que tenha trabalhado a pensar num busto na rotunda, numa estátua de jardim ou no registo do seu nome na toponímia lisboeta, e avesso a gestos de canonização, O'Neill nunca se preocupou com uma carreira literária. A indiferença em relação a estas glórias resulta de uma desconfiança: a de que tais louros garantam efetivamente a sobrevivência da sua poesia. O'Neill não padece da ambição horaciana de erigir um monumento poético mais duradouro do que o bronze, duvidando com frequência de que alguma vez tenha tido arcaboço para isso. Veja-se a passagem de uma entrevista de 1984, também próxima do ano da sua morte, ao jornal *A Tarde*, na qual O'Neill ironiza a capacidade de a sua poesia chegar à viragem do século:

A TARDE – Acha que o poeta Alexandre O'Neill ultrapassará este século?  
O'NEILL – Não sei... A minha poesia é de curto alcance...  
(O'Neill, 1984: 17)

As reflexões sobre a posteridade não são apenas *exercícios de auto-apoucamento*, são ainda manifestações melancólicas do medo de desaparecer sem deixar alguma coisa de bom, e também uma reação ao excesso de pomposidade e vaidade do meio literário português, como o próprio tantas vezes observa. Exemplo paradigmático dessa reação é a história da receção do único prémio literário que recebeu em vida, em 1982 (*ex aequo* com Mário Dionísio), atribuído pela Associação Internacional dos Críticos Literários. A propósito deste prémio, sabemos pela

sua biógrafa, Maria Antónia Oliveira, que O'Neill escreveu um texto para o momento da entrega, possivelmente nunca lido. Aí, depois de referir a primeira medalha da sua vida, o bronze num torneio de xadrez aos 18 anos de idade, O'Neill deflaciona o seu prémio por *jogar* poesia: «Não tenho ilusões quanto à perdurabilidade do que fiz. Um relance pela literatura do passado é sempre um salutar exercício de modéstia. Termino com um poema que ilustra bem o que acabo de dizer.» (Oliveira, 2007: 289) Refere-se a «A um poeta que deixou de comparecer nas antologias», republicado em 1983 no livro *Dezanove Poemas*, um poema melancólico, apesar do tom jocoso, que fala do destino de muitos poetas e de muita poesia: um dia deixarão de ser citados e um dia serão mesmo esquecidos. Esse dia ainda não chegou para Alexandre O'Neill.

## II. Lede tudo, sobretudo O'Neill!

Na crónica «Lede tudo, sobretudo as obras», que encontramos no volume *Uma Coisa em Forma de Assim* (2004), O'Neill lamenta o facto de muitas vezes a obra sair desfigurada quando entre esta e os leitores se interpõem demasiados intérpretes e críticos. Não é com este livro de ensaios que O'Neill passa à história, no sentido de permanecer na memória dos vindouros, mas não deixa de ser seu desiderato contribuir para a fortuna literária daquele que foi um grande poeta do século xx, com a singularidade de não parecer consciente dessa grandeza.

«É a minha festa de homenagem?» é o título de uma crónica de O'Neill escrita para *A Capital*, que a seguir se reproduz em fac-símile. Publica-a na coluna chamada «Chuva de Telhado», a 25 de setembro de 1973, no mesmo dia – daí a fotografia de Eusébio a acompanhar – em que o Pantera Negra se despede do Benfica e é homenageado em campo. Este livro, assim como o

Colóquio que o precedeu (*O Colóquio do O'Neill. 30 anos + 1 mês\**), quer responder, sem ironia, a esta crónica d'*A Capital*. No seu texto, O'Neill reivindica, ironicamente, o reconhecimento e a comemoração da efeméride das suas bodas de prata, aludindo aos quase 25 anos da publicação do seu primeiro livro, *A Am-pola Miraculosa* (1949). O livro que agora se publica não quer desfigurar a obra de ninguém, muito menos a de O'Neill, e portanto os textos aqui reunidos prestam uma homenagem possível: são *ensaios para Alexandre O'Neill*, textos que falam sobre o poeta e sobre aquilo que ele nos deixou.

O ensaio «Alexandre O'Neill e Pessoa», de Fernando J.B. Martinho, aqui republicado, é um importante contributo para entender o lugar de Alexandre O'Neill na história da literatura portuguesa. A associação de O'Neill a um antepassado literário como Fernando Pessoa pode não parecer evidente, mas Fernando J.B. Martinho identifica essa influência e, mais, procura ver nela uma forma de esclarecer a obra de O'Neill. A relação entre os dois poetas permite, entre outros aspetos, reconhecer a importância do prosaísmo, em detrimento da «enxúndia retórica», na poesia de O'Neill, integrando-o na família poética de Cesário Verde e de Alberto Caeiro.

Em «Do medo em Drummond, Alexandre O'Neill e Manuel Alegre», Clara Rocha escrutina as afinidades entre poemas onde a palavra «medo» é recorrente. Depois de comentar «O poema pouco original do medo», procura evidenciar, através de análise minuciosa, as relações deste poema de O'Neill com o antecedente drummondiano («Congresso Internacional do Medo» e «O medo») e com dois sucessores no tratamento do tema, que evocam o texto de O'Neill, o poema «Medos», de José

\* *O Colóquio do O'Neill. 30 anos + 1 mês*, uma iniciativa do CECC (Centro de Estudos de Comunicação e Cultura), teve lugar nos dias 22 e 23 de setembro de 2016, na Universidade Católica Portuguesa.

Cutileiro, e o poema «Variações sobre ‘O poema pouco original do medo’ de Alexandre O’Neill», de Manuel Alegre.

O ensaio de Fernando Cabral Martins faz uma leitura de Alexandre O’Neill como poeta que se inscreve na tradição surrealista europeia. Em «À luz da Ampola Miraculosa», Cabral Martins procura mostrar que o Surrealismo não estava afinal «gloriosamente empalhado», expressão de O’Neill numa entrevista a Baptista-Bastos (*O Ponto*, Lisboa, 4 de fevereiro de 1982). Centrando a sua análise sobretudo no livro de estreia do poeta, *A Ampola Miraculosa*, que considera exemplo máximo da «fase heroica do Surrealismo português», Fernando Cabral Martins vai também questionar o gesto surrealista de O’Neill quando recusa o Surrealismo no famoso «Pequeno aviso do autor ao leitor», que abre *Tempo de Fantasmas*, dois anos depois. Segundo Cabral Martins, os gestos surrealistas persistem na poesia de O’Neill, apesar do famigerado *descompromisso* com este movimento.

À pergunta do título do ensaio de Carlos Nogueira – «Alexandre O’Neill, poeta satírico?», O’Neill respondeu, por diversas vezes, que não, não se considerava um poeta satírico. Carlos Nogueira problematiza aqui esta recusa do poeta, mostrando como a sátira é frequente e erroneamente entendida apenas no seu sentido restrito de mero «instrumento de crítica social». Até o próprio Alexandre O’Neill não foge a esta aceção quando recusa o título de «satírico». Este ensaio mostra como, ao longo de toda a obra, O’Neill elabora implícita e explicitamente uma teoria sobre a sátira. Carlos Nogueira analisa atentamente vários poemas onde se evidenciam os pressupostos teóricos da sátira, sendo «O revólver de trazer por casa» um exemplo completo da poética de O’Neill, que vai muito além da ideia de sátira enquanto mero exercício de superioridade moral.

A questão da crítica social, uma das facetas da sátira em Alexandre O’Neill, está presente no ensaio de Graça Videira

Lopes, intitulado «O glorioso passado futurível de A. O.». Tendo como fio condutor a análise da reflexão implícita sobre poesia satírica – a transformação do quotidiano efémero em arte consumada e a posição sempre polémica do satirista face à sociedade que critica – que O’Neill apresenta no prefácio a *Obras de Nicolau Tolentino de Almeida*, «Uma arte do pormenor ou um preâmbulo para desatentos» (1969), Graça Videira Lopes comenta o virtuosismo satírico de Alexandre O’Neill nos volumes publicados no pós-25 de Abril.

O ensaio de Miguel-Pedro Quadrio, que examina o lugar de Alexandre O’Neill na história do teatro português, começa por assinalar a relação profícua entre a sua obra e o teatro contemporâneo a partir de 1949, colaborando O’Neill, já nesta altura, com a equipa artística de espetáculos de vanguarda, e trabalhando mais tarde como tradutor e dramaturgista. De seguida, Miguel-Pedro Quadrio analisa a receção crítica de *Jesus Cristo em Lisboa*, peça de Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes que O’Neill e Mendes de Carvalho reinventaram, e que Norberto Barroca e Carlos Wallenstein levaram à cena em 1978. O malogro desta experiência teatral de Alexandre O’Neill, registado pelos críticos contemporâneos, parece ter ficado a dever-se a questões estéticas mas também políticas, já que, como assinala Quadrio, a rescrita da peça falha no tratamento de tópicos caros ao compromisso político do pós-25 de Abril.

Em «Animais modestos», discute-se o tópico da modéstia como elemento singular do projeto poético de O’Neill, atendendo à sua dupla vertente: à dicção que se elege para escrever poesia e ao modo de ser, uma atitude que vem antes do verso. O reconhecimento de um programa poético, de implicações éticas e estéticas, como aquele que é apresentado em «Saudação a João Cabral de Melo Neto», é o ponto de partida para se descrever a maneira de O’Neill encarar a literatura e fazer



poesia, sintetizada anos mais tarde no termo *dégonfler* (que O'Neill traduz por «desimportantizar»).

O ensaio de Burghard Baltrusch – «Amanhã acontecido' – Reflexões sobre arte e política em Alexandre O'Neill» – problematiza o carácter precursor e ainda atual de uma discursividade instável e transgressora presente na poesia de O'Neill. A análise dos poemas «Autocrítica» (*Feira Cabisbaixa*) e «Amanhã aconteceu» (*De Ombro na Ombreira*) permite a Baltrusch defender que as mudanças associadas à poesia «não-lírica» atual já se faziam adivinhar, de forma flagrante, em vários textos de O'Neill, que subvertem deliberadamente as formas poéticas institucionais.

Em «Gosto deles assim, tão sem futuro' – Apontamentos dispersos (e provisórios) sobre O'Neill tradutor», Alexandra Lopes propõe, ao jeito do poeta, *notas de leitura* sobre aspetos ainda pouco estudados na sua obra. Focando-se sobretudo na análise das várias crónicas que compõem o volume *Uma Coisa em Forma de Assim*, este ensaio, em diálogo com outros textos de O'Neill, faz o escrutínio da posição de O'Neill face às noções de «cânone», «originalidade» e «tradução». Sobre este último aspeto, Alexandra Lopes defende a ideia de que as traduções que Alexandre O'Neill faz em diversas crónicas pretendem não só divulgar vários autores à época desconhecidos pelos leitores portugueses como são ainda exercícios de reconhecimento de si nos outros, de criação do seu próprio cânone pessoal.

O ensaio de Miguel Tamen, «A publicidade», pode não falar muito da poesia de O'Neill, mas dá atenção particular a Alexandre O'Neill como exemplo atípico de um poeta avesso a duas das teorias sobre poesia que se ensinam nas escolas: poesia como trabalho e poesia como trabalho exercido por profissionais. É a partir deste pressuposto que Miguel Tamen deslinda possíveis relações entre poesia e publicidade, entre a poesia e a publicidade de Alexandre O'Neill, apresentando ainda um

argumento político contra um ensino prescritivo da poesia nas escolas.

Gustavo Rubim, em «A violência dos signos», defende que, apesar do anacronismo dos termos que configuram o título do seu ensaio, as noções de «violência» e de «signos» são produtivas para ler a poesia de Alexandre O'Neill. A violência na escrita de O'Neill não está tanto na sátira quanto, por exemplo, na redução violenta do poeta ao signo «caixadòclos», do poema homónimo de *Feira Cabisbaixa*. Este ensaio faz notar que esta prática, i.e., o exercício de violência através da linguagem, é recorrente na poesia de O'Neill, desde 1951, com o famoso revólver de «O revólver de trazer por casa». Gustavo Rubim assinala assim aquela que julga ser uma singularidade poética de Alexandre O'Neill – a correlação entre imagem e violência, sendo o poema «uma arma de guerra» –, analisando em profundidade alguns dos poemas do livro *Entre a Cortina e a Vidraça* (1972).

No ensaio «Enquanto os grilos periclitam, o poeta que se desenrasque», Nuno Amado mostra como o modo de fazer poesia, para Alexandre O'Neill, passa frequentemente por gorar as suas expectativas e as do leitor, comentando a este propósito poemas tão emblemáticos como «Catorze versos», «Em todo o acaso», «Bom e expressivo» e, com mais detença ainda, «Periclitam os grilos». O ensaio procura evidenciar a forma airosa e eficaz de o poeta Alexandre O'Neill se desvencilhar dos problemas técnicos que os poemas lhe vão colocando. Nuno Amado mostra como «empunhar ferramental honesto», em vez de se preocupar com a escolha de temas elevados e moralmente superiores, é revelador do poeta que é Alexandre O'Neill, alguém que se preocupa com o lado prático do *métier*.

Em «Amigos pensados: Jojo», Sebastião Belfort Cerqueira revisita um dos mais célebres poemas de Alexandre O'Neill, que ficou ainda mais conhecido nas eleições legislativas de 2002.

A análise minuciosa de «Sigamos o cherne!» procura mostrar que este poema tem menos de zoologia marinha e mais de psicologia humana, chamando a atenção, entre outros aspetos, para a sensibilidade de O'Neill na leitura que fez do filme *O Mundo do Silêncio*, que, de acordo com a epígrafe, o terá inspirado. Sebastião Belfort Cerqueira procura mostrar ainda que *o cherne* (que, pelo menos no filme de Cousteau, não será tão cherne quanto parece) está em nós e também noutros poemas de O'Neill.

O ensaio de Sara Lacerda Campino estuda pormenorizadamente a vertente experimental na obra de O'Neill. Resultado da adaptação de um dos capítulos da sua tese de mestrado (*O Experimentalismo na Obra de Alexandre O'Neill*), «Coisificar: aproximações ao concretismo na poesia de Alexandre O'Neill» centra-se na análise das várias e assinaláveis experiências concretistas na produção poética de O'Neill, sobretudo nos anos 60 e 70, chamando a atenção para uma das técnicas mais produtivas, a manipulação vocabular e o lado visual da mesma, cuja prática exímia é particularmente visível em poemas de *Entre a Cortina e a Vidraça*. Sara Lacerda Campino não só mostra a pertinência da associação do nome de O'Neill à poética concretista, mas também faz uma leitura atenta de poemas em que essas marcas sobressaem.

É com «Um adeus derradeiro de Alexandre O'Neill», de Ramiro S. Osório, que o volume de ensaios para Alexandre O'Neill termina. O conjunto de poemas que aqui se apresentam poderiam ser apócrifos de O'Neill, mas são acima de tudo excelentes exemplos de como, nas palavras do próprio O'Neill acerca da poesia de António Nobre, em crónica publicada no volume *Já Cá Não Está Quem Falou*, a sua conversa ficou *por encanto e por enquanto*.

Joana Meirim  
Novembro de 2017

## BIBLIOGRAFIA

- BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du, *Opera Omnia*, direção de Hernâni Cidade, vol. III. Lisboa, Livraria Bertrand, 1969.
- OLIVEIRA, Maria Antónia, *Alexandre O'Neill. Uma Biografia Literária*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 2007.
- O'NEILL, Alexandre, «O Surrealismo está gloriosamente empalhado». Entrevista a Baptista-Bastos, *O Ponto*. Lisboa, 4 de fevereiro de 1982.
- O'NEILL, Alexandre, «A dissidência é o destino de todos os surrealismos». Entrevista de Isabel Risques. In *A Tarde*, in «Cultura». Lisboa, 6 de setembro de 1984.
- O'NEILL, Alexandre, «Já não corro atrás de miragens». Entrevista a Clara Ferreira Alves. In *Expresso*. Lisboa, 21 de setembro de 1985.
- O'NEILL, Alexandre, *Poesias Completas*, 4.ª edição. Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.
- O'NEILL, Alexandre, *Uma Coisa em Forma de Assim*, 3.ª edição. Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.
- O'NEILL, Alexandre, *Já Cá Não Está Quem Falou*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2008.

«CHUVA DE TELhado»

a crônica de ALEXANDRE O'NEILL

# É A MINHA FESTA DE HOMENAGEM?



Curioso, dou uma amada no rebolado anódino onde joga as palmas. Para quando a minha festa de homenagem? Já me incaram a preparar e já sinto? Acham que alguma vez jurei a bígona de podum equivalente? Você não usa legretos? Não se abateiam! Será que me esqueceram? (Sei não se quer lembraram) as minhas festas de pura de espírito? Pois é, sabe que elas devem comemorar.

Que culpa tenho eu de manter o saguio se a cada vez que dou um thof? Com culpa tenho eu, já agora, de não ter assado, pelo menos, a minha tritambar (pinha e sandor compostos) junto tu de mas mullala festa da Amadida?

De esticância a amadidabarriga, a minha vida vai passando em inferno de locomotora são. Toda a gente é te monogasta por tudo é em especial, por nada. Sobre mim fecha o silêcio as suas portas de negócio maldade e passadas estupidaz. Mas não de isto assim de primos — cário preventivo — a festa de homenagem a que de há muito tenho? Nem que seja as festinhas para discrotu, taboatas de salio. Ah, é bom querer os bot boiros presentes, de os presentes e boites lentes e boite querer membra humilantes, colegas e eriores amiguetos em entofestas; o beldor, que rer delegações, com seu típicos estandartes, d vitórias pueris e artes. He matem fazer isto pe nem? Jamem repare e minha glória de ruotio. Eu ficaria tão contente.

Se não fuss des tenia de glória, ter passar meus de voca à História. É isto será muita impo tanto frangues as belas de História? Daqui e co mais, quando já tem? Não for leonardo, a não ser, talvez, como mare de café ou de calçado, minha obra estará a se objecto de novas fete pretensões redentoras, graças, muito povovinsme té a bolhas aspECIALMS da sociedade para este Hemecoompo. Pacific north-americanos invencio Lixos. MAS, lápis são, quem são? Não quero saber onde deus de meus não de gravat onde travel conhecimen com o feliço trade e a jumpininha, onde arrhei os primeiros artigos, por que bucos tre notei as minhas meta dicas estas. Vai ser o trabalho dos diabos! Ma hoje, filhas, quero a minha festa de homenagem. Já vinto e cinco anos que me esgotto publicmente por voaca causa. Não me vintam dívida. Meu nome é Alexadre!

A camiseta n.º 10 faz também parte de Estêvão. Assim como as filhas do craque são parte integrante da entidade jogador/homem que dá pelo nome de Estêvão. Como a cravo, cor da foga, cor do clube, cor da camiseta do *Partido Negro*. Como a público que o tem aplaudido. Como a revê, a sol, a alegria do jogo

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos autores dos textos aqui reunidos. O seu saber, empenho e dedicação tornaram possível a publicação de um volume de ensaios exclusivamente dedicado à obra de Alexandre O'Neill. Ao Professor J.B. Martinho, devo agradecer a generosa oferta da republicação do seu ensaio.

A ideia do livro que agora se publica nasceu durante a preparação d'*O Colóquio do O'Neill. 30 anos + 1 mês*, que teve lugar nos dias 22 e 23 de setembro de 2016 na Universidade Católica Portuguesa. Deixo aqui expressa a minha gratidão ao CECC, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, em particular ao seu diretor, Peter Hanenberg, que acompanhou entusiasticamente as várias fases do projeto, e à Alexandra Lopes, por me ter incentivado a pôr mãos à obra.

Um agradecimento especial vai para a Sónia Pereira e para o Sebastião Belfort Cerqueira, que com todo o empenho, entusiasmo e paciência comigo organizaram *O Colóquio do O'Neill*.

À Madalena Alfaia tenho a agradecer a receção calorosa desta ideia e a criação das condições editoriais para a pôr em prática.

Ao Afonso O'Neill agradeço a disponibilidade e o apoio constantes.

Devo ainda um agradecimento especial à Fundação Calouste Gulbenkian e à Câmara Municipal de Constância, não só

pelo apoio concedido a esta edição, mas também pelo interesse com que receberam esta ideia desde o seu início.

*Joana Meirim*

## NOTAS BIOGRÁFICAS

ALEXANDRA LOPES é doutorada em Estudos de Tradução pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. É professora auxiliar na Faculdade de Ciências Humanas daquela universidade e é atualmente coordenadora da área científica de Estudos de Cultura e vice-diretora da Faculdade. Entre os seus trabalhos mais recentes, contam-se a edição de dois volumes, *The Age of Translation. Early 20th-century Concepts and Debates* (ed. Maria Lin Moniz e Alexandra Lopes, Frankfurt am Main, Berna, Bruxelas, Nova Iorque, Oxford, Varsóvia, Viena: Peter Lang, 2017) e *Mediations of Disruption in Post-Conflict Cinema* (ed. Adriana Martins, Alexandra Lopes e Mónica Dias, Londres: Palgrave Macmillan, 2016). Publicou também artigos em vários livros e revistas internacionais – mais recentemente, «Je Suis un Autre: Notes on Migration, Metamorphosis and Self-translation» (Teresa Seruya e José Miranda Justo (ed.), *Rereading Schleiermacher: Translation, Cognition and Culture*, Heidelberg, Nova Iorque, Dordrecht, Londres: Springer Verlag, 2016; pp. 197-208). Traduziu, entre outros, *Ensaio sobre o Dia Conseguido*, de Peter Handke (1994), *A Terra das Ameixas Verdes*, de Herta Müller (1999), e *Fúria*, de Salman Rushdie (2002).

BURGHARD BALTRUSCH é professor de Literaturas Lusófonas e responsável pela I Cátedra Internacional José Saramago na Universidade de Vigo. É investigador principal do grupo BiFeGa-GAELT da mesma universidade, onde desenvolve projetos sobre as obras de Fernando Pessoa e José Saramago, a poesia atual e a teoria da tradução. Coordena o projeto «Poesía actual y política» (POEPOLIT, FFI2016-77584-P). Foi presidente da Asociación Internacional de Estudos Galegos, coordenou vários programas de doutoramento e congressos internacionais. Entre outros livros, publicou ou coeditou *Bewußtsein und Erzählungen der Moderne im Werk Fernando Pessoa* (Peter Lang, 1997), *Kritisches Lexikon der Romanischen Gegenwartsliteraturen* (5 vols., co-ed. com W.-D. Lange et al., G. Narr-Verlag, 1999), *Non-Lyric Discourses in Contemporary Poetry* (co-ed. com I. Lourido, Peter Lang, 2012), *Lupe Gómez: libre e estranxeira – Estudos e traducións* (Frank & Timme, 2013), «O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia» - *Estudios sobre utopia e ficção em José Saramago* (Frank & Timme, 2014).

CARLOS NOGUEIRA rege, com Burghard Baltrusch, a Cátedra Internacional José Saramago da Universidade de Vigo, onde leciona disciplinas nas áreas da língua portuguesa e das literaturas lusófonas. Tem sido investigador e professor convidado em universidades europeias e da América Latina. Tem mais de três dezenas de ensaios publicados, entre os quais *A Sátira na Poesia Portuguesa e a Poesia de Nicolau Tolentino, Guerra Junqueiro e Alexandre O'Neill* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2011) e *Nenbuma Palavra É Exata. Estudos sobre a obra de Valter Hugo Mãe* (org.) (Porto, Porto Editora, 2016). Recebeu, entre 2011 e 2014, o Prémio de Internacionalização da Produção Científica da FCSH (atribuído em função do número de artigos publicados em revistas indexadas

na base de dados ISI Web of Knowledge), e, entre 2012 e 2014, o Prémio Montepio de Ensaio.

CLARA ROCHA é professora catedrática aposentada da Universidade Nova de Lisboa. Doutorou-se em 1985, na Universidade de Coimbra, com a dissertação *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, editada no mesmo ano pela IN-CM. Publicou, além desse, os seguintes livros: *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga* (1977), *Os «Contos Exemplares» de Sophia de Mello Breyner* (1978), *O Essencial sobre Mário de Sá-Carneiro* (1985), *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal* (1992), *Miguel Torga – Fotobiografia* (2000), *O Cachimbo de António Nobre e Outros Ensaios* (2003, Prémio de Ensaio PEN Clube e Grande Prémio de Ensaio APE) e *O Essencial sobre Michel de Montaigne* (2015, Prémio Jacinto do Prado Coelho). Tem colaborado com artigos de crítica literária em revistas e jornais, em dicionários de literatura e em volumes científicos internacionais (entre eles, *Encyclopedia of Life Writing*, 2001, e *The Oxford Critical and Cultural History of Modernist Magazines*, vol. III, 2013). Foi professora convidada na Sorbonne em 2004. Em 2011, coorganizou o livro *Literatura e Cidadania no Século XX* (IN-CM) e organizou, a convite da Fundação Calouste Gulbenkian, a antologia *A Caneta Que Escreve e a Que Prescreve*, com a colaboração de Teresa Jorge Ferreira. As suas principais áreas de investigação são as revistas literárias, a literatura autobiográfica e a poesia portuguesa do século xx.

FERNANDO CABRAL MARTINS é professor de Literatura Portuguesa na Universidade Nova de Lisboa. Publicou os ensaios *Cesário Verde ou a Transformação do Mundo* (1988), *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro* (1994), *O Trabalho das Imagens* (2000), *Julio. O Realismo Mágico* (2005), *Introdução ao Estudo de Fernando*

*Pessoa* (2014), *Mário Cesariny e o Virgem Negra* (2016). Coordenou em 2008 um *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Tem organizado diversas edições e séries antológicas de poetas portugueses do século xx, sobretudo modernistas. Publicou livros de ficção.

FERNANDO J.B. MARTINHO é professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se licenciou em Filologia Germânica e se doutorou em Literatura Portuguesa, e lecionou no departamento de Literaturas Românicas. Anteriormente, foi leitor de Português nas Universidades de Bristol e Santa Barbara, Califórnia. Publicou dois livros de poemas, em 1970 e 1980, *Resposta a Rorschach* e *Razão Sombria*. Como ensaísta e investigador, tem-se dedicado especialmente ao estudo da Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. As suas publicações incluem *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa* (1983 e 1991), *Pessoa e os Surrealistas* (1988), *Mário de Sá-Carneiro e o(s) Outro(s)* (1990), *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50* (1996 e 2013) e *Jorge de Sena, «aqui no meio de nós»* (2017). Prefaciou livros de, entre outros, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Cristovam Pavia e António Reis.

GRAÇA VIDEIRA LOPES é investigadora integrada do Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, faculdade onde foi, desde 1982, professora do departamento de Estudos Portugueses (atualmente aposentada). Doutorada em Literatura Medieval (1993), o seu trabalho tem incidido particularmente na lírica trovadoresca galego-portuguesa, sendo neste âmbito a responsável pela base de dados, *online* desde 2011, *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Para além de numerosos artigos, é autora dos livros *Cantigas de Escárnio e Mal-*

*dizer dos Trovadores e Jograís Galego-Portugueses* (Lisboa, Editorial Estampa, 2002) e *A Sátira nos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses* (Lisboa, Editorial Estampa, 1998). Coordenou os volumes *Cantigas Galego-Portuguesas – Corpus integral profano* (Lisboa, Biblioteca Nacional, 2016), *Do Canto à Escrita: Novas questões em torno da Lírica Galego-Portuguesa. Nos cem anos do Pergaminho Vin-del* (Lisboa, IEM/CESEM, 2016; com Manuel Pedro Ferreira), *Cantigas de Trovadores – De amor, de amigo, de maldizer* (Jornal Público, 2015) e *Cantigas Trovadorescas: da Idade Média aos nossos dias* (Lisboa, IEM, 2015; com Manuel Masini).

GUSTAVO RUBIM é professor de Literatura na Universidade Nova de Lisboa e investigador no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT) da mesma instituição. Publicou uma edição da *Clepsydra*, de Camilo Pessanha, na revista *Colóquio-Letras* (2000). É autor dos livros *Experiência da Alucinação: Camilo Pessanha e a questão da poesia* (1993), *Arte de Sublinhar* (2003) e *A Canção da Obra* (2008). Escreve crítica literária no jornal *Público*.

JOANA MEIRIM é professora na Universidade Católica Portuguesa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da mesma instituição. Licenciou-se em Estudos Portugueses na Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). Concluiu um mestrado sobre poesia portuguesa contemporânea na Universidade da Coruña e doutorou-se em Teoria da Literatura na Universidade de Lisboa, com uma tese sobre Jorge de Sena e Alexandre O'Neill. Entre 2006 e 2008, foi leitora na Universidade da Coruña e, entre 2009 e 2015, foi professora de Português e Literatura Portuguesa no ensino secundário. Coeditou o volume de correspondência entre Jorge de Sena e Carlo Vittorio Cattaneo, em 2013, e tem publicado

artigos sobre Alexandre O'Neill e Jorge de Sena. É membro do conselho científico da *Forma de Vida*, a revista *online* do Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É coeditora do *site* de poesia e crítica *Jogos Florais*.

MIGUEL TAMEN é professor na Universidade de Lisboa. Os seus mais recentes livros, ambos de 2017, são *Erro Extremo* e, com António M. Feijó, *A Universidade como Deve Ser*.

MIGUEL-PEDRO QUADRIO é investigador no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa e docente na Faculdade de Ciências Humanas da mesma instituição. Doutorou-se em Estudos de Cultura, também na UCP, com a tese *Dispositivo crítico / Condições de possibilidade da crítica jornalística em Portugal*. Os seus interesses incluem a teoria crítica, os estudos artísticos e os estudos de tradução, e a sua investigação tem-se focado na constituição, relevância sistémica e história do ato crítico em artes performativas. Entre 2002 e 2008, fez crítica de teatro no *Diário de Notícias*. Participou na fundação das revistas *Sinais de Cena* e *Obscena*. Foi especialista na área do Teatro da Comissão de Acompanhamento e Avaliação do Apoio às Artes, da Direção-Geral das Artes, instituição onde integrou o júri de diversos concursos. Como dramaturgista e responsável pelas publicações, colaborou com as companhias Teatro da Garagem e Companhia de Teatro de Almada.

NUNO AMADO doutorou-se em 2016 no Programa em Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa, com uma dissertação sobre Fernando Pessoa. Completou o mestrado em 2008, também no mesmo Programa, com uma dissertação sobre Franz Kafka. É colaborador regular do projeto «Estranhar Pessoa»,

e tem participado em conferências nacionais e internacionais acerca da obra de Pessoa. Atualmente, é professor de Português Língua Estrangeira na Universidade Católica Portuguesa, e prepara a publicação da sua tese de doutoramento. Além de se interessar pelas obras de Pessoa e Kafka, sobre as quais trabalhou demoradamente, interessa-se por literatura em geral e pelas obras de Ernest Hemingway, William Wordsworth, Walter Pater, Horácio e Alexandre O'Neill, em particular. Entre os seus interesses, contam-se também a crítica literária, a filosofia da arte, a filosofia da ação, e assuntos tão díspares como o futebol, a estratégia militar e o humor.

RAMIRO S. OSÓRIO nasceu em Lisboa, em 1939. Quando estava a terminar o curso de Arquitetura, exilou-se durante 22 anos em Paris, onde obteve o diploma de arquiteto e foi aluno de Roland Barthes no Collège de France. Estreou-se na edição selecionado por Pedro Tamen (Moraes), e depois: por Vítor Silva Tavares (&etc) e Vasco Graça Moura (Imprensa Nacional). Foi convidado por Herberto Helder e Georges Perec para revistas literárias. Recebeu dois Prémios APE e várias distinções dos ministérios da Cultura (Portugal) e da Educação (Brasil). Publicou os livros: *ramirosório supestrass / superstress* (Moraes), *A História do ABC* (Plátano), *As 21 Noites e os 12 Valiums* (&etc), *Os Contos do Lápis Surdo* (Moraes), *A Lua Prometida* (Afrontamento), *Xarope Ficção / Embarque Imediato* (Gota d'Água / Imprensa Nacional), *Les maux par les mots* (obra coletiva, Mercure de France, Paris), *ramirosório supestrass* (99) (&etc), *amor cinza perfeito* (com Edel Atemkristall, Edicarte), *Todos os Contos do Lápis Surdo* (Paulinas, São Paulo), *o resto é silêncio & peanuts* (Oficina do Cego). A publicar em 2018: *Ao Largo de Delos* (Companhia das Ilhas). O seu espólio literário - do qual fazem parte 22 inéditos - começou a dar entrada na Biblioteca Nacional.



SARA CAMPINO prepara o doutoramento em Estudos Portugueses – Estudos de Literatura na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A sua pesquisa foca-se nas poéticas experimentais portuguesas da segunda metade do século XX. É mestre em Estudos Portugueses – Estudos Literários, pela mesma Faculdade, com a dissertação *O Experimentalismo na Obra de Alexandre O'Neill* (2012), e tem uma licenciatura em Arquitetura pelo Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa (2004).

SEBASTIÃO BELFORT CERQUEIRA nasceu em Lisboa, em 1987. Escreve sobre literatura, música e cinema. Publicou dois livros de poesia, *O Pequeno Mal* e *El Segundo*.

E A MINHA FESTA DE HOMENAGEM?

foi composto  
em caracteres Hoefler  
Text e Futura, e impresso  
pela Guide, Artes Gráficas,  
sobre papel Coral Book  
de 80 g, em Dezembro  
de 2017.

